

# Construções Evidenciais Derivadas de *dizer* no Português Falado em Goiás: um estudo em faixas etárias

Lorena de Souza Machado<sup>1</sup>, Vânia Cristina Casseb-Galvão<sup>2</sup>

Faculdade de Letras – UFG

lorenamachado91@yahoo.com.br, vcasseb2@terra.com.br

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado do trabalho de pesquisa intitulado “Construções Evidenciais Derivadas de *dizer* no Português Falado em Goiás: um estudo em faixas etárias”, vinculado ao projeto “Construções Evidenciais Derivadas de *dizer* no Português Falado em Goiás”, que por sua vez, integra o projeto temático “O português contemporâneo falado em Goiás” (Fala goiana), constituído por um conjunto articulado de projetos que envolvem a descrição e a análise de dados de fala da variante do português brasileiro falado em Goiás.

Mais especificamente, o subprojeto “Construções evidenciais derivadas de *dizer* no português falado em Goiás – Faixas etárias I, II e III”, busca descrever e analisar o estatuto semântico-sintático e discursivo de evidencias derivados do predicado *dizer*, estabelecendo uma comparação entre dados de três faixas etárias.

Analisam-se usos como (1), descritos por Casseb-Galvão (2001) como um operador evidencial de boato /disk<sup>1</sup>/, elemento de valor semântico mais abstrato, de função mais relacional que conceitual, indicador de origem incerta da informação enunciada, desenvolvido via gramaticalização do predicado matriz (ele) diz que (2):

- (1) Diz que o João arrumou uma namorada.
- (2) Tia Úrsula diz que virá amanhã para a festa.

---

<sup>1</sup> Lincencianda em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Goiás e bolsista do CNPq – Brasil pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), sob a orientação da Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão.

<sup>2</sup> Professora associada 1 da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Pesquisadora do CNPq. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP e Mestre pela UNICAMP.

O pressuposto é que a língua é um sistema dinâmico, em constante transformação, dinamismo que é visível em situações interativas efetivas. Essa visão é básica para a abordagem funcionalista da linguagem, suporte teórico que sustenta a análise dos dados. Sempre que possível, reafirmaremos princípios funcionalistas numa abordagem comparativa com princípios formalistas, que privilegiam o componente estrutural dos sistemas lingüísticos.

Apresentamos os objetivos gerais do projeto “Fala Goiana” e os específicos do subprojeto a ele vinculado, a metodologia de coleta e de análise de dados, bem como algumas postulações teóricas que sustentam a análise. Em seguida, apresentamos os resultados observados e a discussão que esses resultados favorecem. Ao final, apresentamos considerações relevantes sobre a pesquisa realizada.

## **OBJETIVOS**

O projeto “Fala goiana” tem como objetivo geral contribuir para a documentação e a análise do português falado em Goiás, e abrange os aspectos da constituição social e cultural da comunidade de fala envolvida, observando a ocorrência de fenômenos gerais de mudança lingüística, assim como os reflexos dessas mudanças na formação identitária dos goianos em várias dimensões sociais dos usos da língua.

Em termos mais específicos, busca-se (i) auxiliar na composição de um conjunto significativo de informações com vistas a caracterizar a variante do português falado em Goiânia a partir de uma descrição e análise pelo viés funcionalista, especialmente, quanto à constituição do paradigma descrito pelos usos derivados do verbo *dizer* na fala de goianos jovens, adultos e de meia idade; (ii) auxiliar na promoção de generalizações a respeito do atual estágio da língua falada em Goiás, tendo como parâmetro o português do Brasil.

Com isso, a questão que direciona a investigação é a seguinte, considerando que o surgimento de novos usos nas línguas podem estar correlacionados a fatores discursivos, cognitivos e sociais (faixa etária e escolaridade, por exemplo) e, a partir da comparação entre dados de fala de sujeitos das faixas etárias I (adultos com menos de trinta anos), II (de trinta a cinquenta anos) e III (acima de cinquenta anos), a faixa etária é um fator determinante para usos mais abstratos derivados do verbo dizer?

## **METODOLOGIA**

O corpus de análise

Para atingir tais objetivos, foi promovida uma coleta de dados de fala, contribuindo-se assim para a composição do *corpus* do projeto “O português contemporâneo falado em Goiás” (Fala Goiana). A comunidade de fala é Goiânia, e o perfil social dos informantes (ou sujeitos de pesquisa) corresponde a homens e mulheres com escolaridade variando entre zero e nove anos, divididos em três faixas etárias, adultos com menos de trinta anos (I); de trinta a cinquenta anos (II) e acima de cinquenta (III).

Os inquéritos são do tipo *fala monitorada*: os sujeitos de pesquisa foram conduzidos pelo documentador a contar experiências vividas na comunidade, e a tratar de temas como família, infância etc, a partir de entrevista semi-estruturada.

Por ser o intuito desse projeto analisar e descrever a fala espontânea, os inquéritos foram coletados na própria comunidade do informante, tentando-se sempre neutralizar a presença do documentador, bem como do gravador. A transcrição desses dados seguiu regras definidas através dos resultados verificados na oficina de transcrição, promovida pelo Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF), da Faculdade de Letras-UFG, ao qual o “Fala goiana” está vinculado.

Depois de coletados e transcritos os inquéritos, buscou-se verificar a ocorrência de dados derivados do verbo dizer. O objetivo era identificar, descrever e analisar os usos derivados do verbo *dizer* na fala de usuários pouco escolarizados, integrantes das faixas I, II e III, e observar, especialmente, a implementação do paradigma representado por esses usos, descrito por Casseb-Galvão (2001).

Foram analisados dois inquéritos de cada faixa etária, um do gênero masculino e um do feminino. Buscou-se verificar usos derivados de dizer, especialmente, em acepção gramatical, que confirmassem o trabalho de Casseb-Galvão (2001) e/ou que ampliassem os resultados do trabalho pioneiro.

Os dados foram analisados a partir de princípios funcionalistas, bem como dos estudos sobre evidencialidade e gramaticalização.

#### A base teórica da análise

Partindo-se do princípio de que o funcionalismo é a corrente teórica que fundamenta o Projeto Temático “O português contemporâneo falado em Goiás”, ao qual se vincula o

subprojeto “Construções evidenciais derivadas de *dizer* no português falado em Goiás”<sup>3</sup>, faz-se necessário explicitar em linhas gerais o funcionalismo como abordagem linguística.

O funcionalismo tem suas origens na Escola de Praga (EP), e são nomes representativos desse modelo, conforme Neves (1997), estudiosos como Halliday (1970, 1985) Hengeveld (1988, 1989) e Dik (1980, 1997), Hengeveld; Mackenzie (2008).

Neves (1997) explica que o funcionalismo trata a língua como instrumento de interação social, ou seja, a língua em uso, levando-se em conta a competência comunicativa dos falantes. Nesse sentido, a autora explica ainda que os termos *funcionalismo* e *abordagem funcionalista* se aplicam a “qualquer abordagem ligada aos fins a que as unidades lingüísticas servem, isto é, ligada às funções dos meios lingüísticos de expressão.” (NEVES, 1997, p.17).

Assim, para o funcionalismo o sistema lingüístico é inacabado e dinâmico estando em constante transformação. As expressões lingüísticas, portanto, só fazem sentido através da interação verbal entre os interlocutores. Visão essa pertinente aos nossos estudos, uma vez que se pretende verificar os usos evidenciais do verbo *dizer* na situação interativa.

O verbo *dizer* integra a classe dos evidenciais lexicais, categoria que, segundo Vendrame (2010, p.12) diz respeito à expressão da “fonte da informação contida em um enunciado”. Em muitas línguas esse fenômeno é expresso no enunciado através de itens gramaticais, como afixos, clíticos e morfemas, porém, na Língua Portuguesa, as marcações evidenciais ocorrem principalmente através de itens lexicais, como verbos, advérbios e locuções.

A autora traz como exemplo de marcador evidencial lexical o verbo de percepção *ver* na frase: “Eu *vi* as crianças correndo”, que é responsável por expressar a fonte da informação do falante de forma direta, ou seja, o modo como esse falante obteve tal informação.

Vendrame (2010, p.49) afirma que

especialmente em línguas que não possuem evidenciais gramaticais, ou que possuem poucos, como é o caso do português, os verbos de percepção são fortes candidatos a assumirem valor evidencial, [...], uma vez que é por meio da percepção que apreendemos muitas informações sobre o mundo.

Em contrapartida, partir dos estudos realizados por Casseb-Galvão (2001), constatou-se que o sistema evidencial gramatical no Português Brasileiro (PB) está em desenvolvimento,

---

<sup>3</sup> Processo CNPq 309558/2009-3 (PQ)

devido ao processo de gramaticalização que fez surgir o marcador evidencial gramatical /*disk*<sup>1</sup>/ a partir da predicação (*ele*) *diz que*, usos exemplificados, respectivamente, em (1) e (2).

Casseb-Galvão (2001) traz como exemplo o *diz que* não predicativo, funcionando como operador evidencial gramatical: “... *Diz que* tem dois meninos procurando o pai ali na esquina”, cuja experiência evidencial, ou seja, a fonte da informação, é indireta e especulativa.

Casseb-Galvão (2001) afirma que a evidencialidade é uma estratégia de intersubjetividade inerente à linguagem.

Desses distintos posicionamentos complementares a respeito do sistema evidencial do PB, pode-se verificar o dinamismo e a fluidez com que a língua se constitui, uma vez que o marcador evidencial lexical predominante no PB (verbo *dizer*) passa por um processo de mudança realizado na situação comunicativa, tornando-se cada vez mais gramaticalizado.

Os sistemas evidenciais podem ser originais dos sistemas linguísticos ou se desenvolverem via gramaticalização, processo por meio do qual está se configurando um novo sistema evidencial em nossa língua, representados pelos usos de /*disk*<sup>i</sup>/, conforme Casseb-Galvão, (2001).

A gramaticalização é um fenômeno linguístico que consiste na mudança de um item lexical para um item gramatical. Gonçalves et al (2007, p.15) afirmam que

Dentre os vários processos de mudança linguística, a gramaticalização é considerada um dos mais comuns que se tem observado nas línguas em geral. A constante renovação do sistema linguístico - percebida, sobretudo, pelo surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes - traz à tona a noção de “gramática emergente.”

Os autores vêem a língua como dinâmica e em constante evolução, sendo a gramaticalização um dos processos que tornam mais evidente essa dinamicidade, na medida em que vai contra a premissa formalista de que há uma só forma para uma só função.

Casseb-Galvão (2001, p. 144) define gramaticalização como “o desenvolvimento de itens ou construções de significados mais abstratos (gramaticais ou mais gramaticais) a partir de significados mais concretos (lexicais ou menos gramaticais)”. Esse grau de gramaticalização a que a autora se refere está relacionado ao cline que descreve os estágios de mudança, proposto por Gonçalves et al (2007, p.31): [lexical] > [gramatical] ou do [-gramatical] > [+ gramatical].

De acordo com essa proposta, o processo de gramaticalização ocorre quando há uma grande frequência na utilização de uma palavra originariamente de conteúdo pleno, fazendo com que ela em diferentes contextos perca seu sentido concreto, tornando-se mais abstrata, ou

seja, gramaticalizadas funcionando como um promotor de relações entre os elementos da cadeia sintática e/ou discursiva.

Outra causa é explicada por Neves (2006), baseando-se em Givón (1991), que relaciona a gramaticalização à cognição:

[...] do ponto de vista cognitivo ela é um processo instantâneo que envolve um ato mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida e explorada: por exemplo, pode-se dar a um item primitivamente lexical um uso gramatical em um novo contexto, e nesse mesmo momento ele se gramaticaliza. (NEVES, 2006, p. 21)

Nessa perspectiva, o processo de gramaticalização diz respeito à capacidade do falante em atribuir novas funções gramaticais e discursivas às formas já existentes no momento da enunciação, em diferentes contextos de comunicação, e o processo está muito relacionado ao surgimento de elementos no plano pragmático.

## **A EVIDENCIALIDADE GRAMATICALIZADA: O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DO *DIZ QUE***

Em seus estudos sobre o processo de gramaticalização que envolve o *diz que* no PB, Casseb-Galvão (2001) explica que antes de qualquer análise deve-se identificar a forma *fonte*, ou seja, o item extremo que dera origem ao processo de gramaticalização. Para que se chegue a tal forma *fonte*, a autora ressalta como princípios básicos: que esse item esteja em um plano mais concreto; e, que, mesmo depois de gramaticalizado, o elemento ainda tenha traços dessa *fonte*, ao que Hopper (1991) chama de princípio da persistência.

No caso do *diz que*, Casseb-Galvão (2001) afirma que a forma *fonte* é a construção matriz (*ele*) *diz que*, uma vez que se trata de uma experiência humana com traços mais concretos e atende a todas as propriedades sintáticas e semânticas de um item lexical.

Assim, a partir de tais considerações, a autora elaborou um quadro com os usos predicativos e não-predicativos do *diz que* verificados em vários *corpora* do português brasileiro, a fim de explicitar o contínuo de mudança dessa expressão, levando em consideração parâmetros como a presença do agente ou a fonte do dito, a função sintática, a experiência evidencial desse agente e o tipo de experiência evidencial que eles representam.

Casseb-Galvão (2001) conclui que o *diz que* passa do domínio mais concreto para o mais abstrato, o que confirma a teoria funcional-cognitiva da gramaticalização. A autora também chegou a um *cline* de gramaticalização do evidencial *diz que /disk<sup>1</sup>/* nos seguintes termos: **Citativo (i, ii, iii) > Intuitivo, Reportativo, Reportativo de mito > Assumido, Inferencial > De boato, Especulativo.** (CASSEB-GALVÃO, 2001, p. 165, grifo da autora)

Outra conclusão a que Casseb-Galvão (2001, p. 166) chegou sobre os estudos da gramaticalização é a de “que há um estágio inicial que é polissêmico, e, na trajetória de mudança, simultaneamente, acontecem outras alterações semânticas, morfológicas e fonológicas.”

No plano semântico há um descoramento ou enfraquecimento das propriedades semânticas originais, levando a um processo de abstração: “A abstração tem relação com generalização (redução das propriedades da forma *fonte*), isolamento (separação de uma propriedade especial do elemento *fonte*), e metaforização (extensão do conceito original).” (CASSEB-GALVÃO, 2001, p.167).

No plano morfossintático, Casseb-Galvão (2001, p.179), baseando-se em Hopper (1991), explica que no processo de gramaticalização as formas tendem a perder ou a neutralizar as marcas morfológicas: “Essas formas tendem a assumir atributos de categorias secundárias, mais gramaticalizadas, que exercem funções de operadores e satélites”, elementos não obrigatórios para a estrutura sintática básica.

E, no plano fonológico, são analisados os contornos prosódicos da sentença e a entoação. Os elementos prosódicos considerados para descrever a gramaticalização de */disk<sup>1</sup>/* foram:

- a) Entoação: as variações melódicas da fala relacionadas às funções gramaticais.
- b) Tessitura (T): a variação na altura da melodia da fala, que é percebida como alta (T+) ou baixa (T-) em relação à tessitura padrão (T), normal de cada falante.
- c) Velocidade da fala: que se relaciona à dinâmica da fala. A aceleração (V+) ou a desaceleração (V-), em relação ao padrão de fala normal (V) de cada falante, somada ao movimento de altura, delimitam fronteiras prosódicas (II).
- d) Acento: que diz respeito à duração da sílaba nos enunciados. A localização da sílaba tônica saliente é fundamental para a caracterização de um grupo tonal e do tipo de informação gramatical associada ao enunciado a que a sílaba tônica pertence.
- e) Segmentos: que envolve a expressão da composição básica dos segmentos fonéticos.

No */disk<sup>1</sup>/* operador evidencial (exemplo 1), o contorno entoacional e a realização segmental são distintos do que ocorre no *diz que* predicado matriz (exemplo 2), o que sinaliza a gramaticalização desse evidencial.

## RESULTADO

Considerando-se os inquéritos analisados e as respectivas faixas etárias dos sujeitos de pesquisa, obtivemos os seguintes resultados.

Na faixa etária I, não houve a incidência do /*disk*<sup>i</sup>/ operador evidencial, porém foram detectadas expressões com o verbo *falar* tendo o mesmo valor funcional de certos tipos de /*disk*<sup>i</sup>/ operador evidencial, indicador de experiências evidenciais indiretas, que tem como a forma mais gramaticalizada àquela correspondente a boato, especulação, conforme o contínuo elaborado por Casseb-Galvão (2001).

Nesse sentido, as ocorrências encontradas foram a do tipo verdade geral em que o conteúdo proposicional é, como explica Casseb-Galvão (2001, p.164), “uma asserção irreal, asseverada como possível, provável ou incerta”, como exemplifica a ocorrência (3):

(3) “... família todú mundu contra porque era primu né...*u povu falava* qui podia nascê alejadu...”.

Foi observado também uso do verbo *falar* indicador de experiência evidencial direta, indicando a fonte do conhecimento enunciado (4):

(4) “... *na reportagi falô* qui uns dias antis u rapaiz tinha idu lá ameçadu u professor...”.

Na faixa etária II, assim como na faixa etária I, não houve ocorrências com /*disk*<sup>i</sup>/ *evidencial operador*, também foram encontrados expressões lexicais, não gramaticalizadas, com o verbo *falar* de mesmo valor funcional de /*disk*<sup>i</sup>/, assumido, expressão de uma verdade geral (5), e usos lexicais do verbo *dizer* (6):

(5) “... *u povu falava naquela época...* ah::... si você dé um beju você vai ficar grávida... ((risos))... *minha mãe falava issu...*”.

Uma possível motivação para o predomínio do verbo *falar* em relação a *dizer*, é o grau de escolaridade dos sujeitos pesquisa. O verbo *falar* tem carga semântica mais concreta, voltada para a realização do ato de fala, cognitivamente mais acessível para o sujeito pouco escolarizado, enquanto o verbo *dizer* tem valor mais abstrato, relativo ao conteúdo do ato de fala.



Um dado, no entanto, chama muita atenção, pois não foi descrito por Casseb-Galvão (2001), mas, apesar de ter a forma sintática e fonológica do verbo *dizer*, é funcionalmente um operador, pois não constitui centro de predicação. Trata-se da forma “como diz” (6), equivalente ao popular como “diz o outro”. Uma construção gramatical intercalada a um enunciado, que indica uma fonte incerta e genérica do que se afirma. Trata-se, provavelmente, de um uso muito particular do dialeto goiano, pois Casseb-Galvão (2001) restringiu sua análise a variedades do português brasileiro falado no sul, no sudeste e no nordeste brasileiro.

(6) “... eli tem uma mulhé e um mininim i u mininim deli devi tá um anu i seis mesis seti mesis mais ou menus... mais *como diz* aquela lá eh... u futuru deli é sê igual au F. mesmu um abandonadu na vida sem pai.”

Outro uso derivado de *dizer*, que não tem a forma fonológica /disk<sup>i</sup>/, mas que aparece como um sequenciador discursivo, um elemento que atua fora da sequenciação básica do enunciado, uma espécie de adendo, forma parentética à estrutura sintática básica e ao conteúdo, como se vê em (7):

(7) “... eu não tinha interessi né *como diz u ditadu* eu queria homem só pra discansá... aliviá meu corpu i prontu.”

*Como diz o ditadu* é um indicador de fonte genérica, incerta e indireta da informação enunciada. Contextualmente, a informante parece também querer amenizar a força informativa de suas palavras.

Somente na faixa etária III, observou-se uma ocorrência do *diz que* operador evidencial gramatical, de boato, como exemplificado em (8):

(8) “Porquê essa rua era:: ...rua qui morava prostitutas... i ...*diz qui*:: *diz qui* todas as casas lá era di prostitutas....”

## DISCUSSÃO

Com base nos dados aqui levantados, verificamos que nas faixas etárias I e II, que correspondem a pessoas até cinquenta anos de idade, não houve a ocorrência do operador evidencial *diz que*. Porém, na faixa etária II, foram encontradas construções como *como diz*, *como diz o ditado*, derivadas de *dizer*. Na faixa etária III, por sua vez, verificou-se uma construção com o operador evidencial /disk<sup>i</sup>/ do tipo boato.

A partir das comparações feitas, podemos chegar à conclusão de que a faixa etária é um dos fatores determinantes para os usos derivados de *dizer*, na medida em que, nas faixas etárias II e III esses usos foram mais recorrentes. Isso indica também que o uso já está implementado no sistema, negando a postulação formalista de que são as gerações mais jovens as promotoras de mudanças nos sistemas linguísticos.

Outro fator que podemos considerar diz respeito à metodologia de coleta de dados, uma vez que nos inquéritos em que predominaram as narrativas vividas pelos próprios informantes a incidência desses usos foi praticamente nula. Nesse sentido, uma das hipóteses para que haja tais ocorrências envolve o tipo de experiência indireta expressa pelo falante, ou seja, envolve fatos a referência a fatos que ele não presenciou, como por exemplo, histórias contadas por seus antepassados ou por pessoas mais idosas, folclóricas, transmissão de receitas caseiras conhecidas na comunidade etc.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise apresentada neste artigo trata da faixa etária como fator relevante no desenvolvimento de construções evidenciais derivadas de *dizer* no português falado em Goiás. Os resultados contribuem para descrever e analisar a variante do português falado em Goiás, mostra suas especificidades, ao mesmo tempo, que confirma seu pareamento com o português brasileiro contemporâneo. Para se alcançar os objetivos pretendidos, tivemos como aparato teórico o funcionalismo, estudado por autores como Neves (1997) e Dik (1989), que tratam a língua como dinâmica e inacabada, que só faz sentido na interação entre os falantes.

A descrição das construções evidenciais derivadas de *dizer* como, *como diz* e *como diz o ditado* indiciam o desenvolvimento de um paradigma envolvendo valores de intersubjetividade derivados do verbo *dizer* que foge ao paradigma já descrito por Casseb-Galvão (2001) e que carecem de um estudo sistematizado.

Como se trata de elementos de formação estrutural complexa, que não sofreram amalgamação fonético-fonológica, um possível direcionamento de análise pode estar correlacionado à gramática das construções, subramo da linguística cognitiva que tem auxiliado os estudiosos de gramaticalização, especialmente, no tratamento de elementos dessa natureza e que são representados pelos trabalhos de Goldberg. O que esperamos realizar na continuidade dos trabalhos no projeto “Fala goiana”.

## REFERÊNCIAS

- DIK, S. *The teory of functional Grammar*. Amsterdam/Dordrecht: Foris Publications, 1989.
- GALVÃO, V. C. C. Evidencialidade e gramaticalização no PB: os usos da expressão *diz que*. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. FCLAr, UNESP. Araraquara: 2001.
- GONÇALVES, S. C. ET AL (org). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- VENDRAME, V. *Os verbos ver, ouvir e sentir e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto: [s.n.], 2010.